

Artigo de Revisão

Intervenção e formação em Educação Física com destaque à Saúde

Glauca Cristina de Castro¹
Aguinaldo Gonçalves²

¹ Membro do Grupo Epidemiologia, Saúde Coletiva e Atividade Física, UNICAMP, Campinas, SP, Brasil

² Grupo Epidemiologia, Saúde Coletiva e Atividade Física, UNICAMP, Campinas, SP, Brasil

Resumo: As sucessivas denominações adotadas para identificar a formação em Educação Física (EF) conferiram-lhe características que reconheciam o desenvolvimento físico e motor como capazes de contribuir para a educação integral do ser humano, sem, porém, atribuir significado às ações culturalmente produzidas e socialmente determinadas. Contrariamente, sua intervenção profissional vem se operando de forma ampla e diversificada em três áreas complementares: as consolidadas, as legitimadas e as em fase de reconhecimento de identidade. Tal abrangência é entendida a partir de respectiva formação atual, assentada nos segmentos lúdico, pedagógico e atlético. Evidências das várias situações tratadas são apresentadas com fundamentação na literatura técnica pertinente, destacadamente referentes a experiência do Grupo de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas.

Palavras-chave: Intervenção. Formação. Educação Física. Saúde.

Intervention and qualification in Physical Education highlighting Health

Abstract: The various denominations adopted to identify the Physical Education (PE) qualification, provided it some features that recognize the physical and motor development as capable of contributing for the integral education of the human being without, however, attributing meaning to the actions culturally produced and socially determined. Contrarily, its professional intervention has been operating widely and in a diversified way in three complementary areas: the consolidated, the legitimated and those in a stage of identity recognition. Such comprehensiveness is understood from the existing qualification, based on ludic, pedagogic and athletic segments. Evidences of the multiple situations treated are presented with a fundament on the pertinent technical literature, mostly those referring to the experience of the Collective Health Group of the State University of Campinas (Universidade Estadual de Campinas).

Key Words: Intervention. Qualification. Physical Education. Health.

Introdução

Na década de 80, quando o Conselho Federal de Educação, fixa os conteúdos mínimos a serem observados na formação em Educação Física (EF), inicia-se discussão objetivando analisar a composição do respectivo currículo, ainda em meio a processo de reestruturação desde então (CFE, 1987). Em 1998, em 1º de novembro, com a publicação da Lei Federal nº9696/98, ficou reconhecida a EF como profissão. Com isso, criaram-se os Conselhos Federal e Regionais de Educação Física, descrevendo como principal finalidade “promover os deveres e defender os direitos” de seus inscritos, bem como proteger a sociedade de ações não cabíveis desses profissionais. Em decorrência, grande reformulação se organiza no sistema superior de ensino da EF, objetivando adequar-se às funções, habilidades e campos de estudos agora assim atribuídos (TOJAL, 2005).

Em 2004, o Conselho Nacional de Educação, através da resolução nº 7, de 31 de março, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para bacharelados e licenciaturas em EF, visando organizar, em âmbito nacional, os projetos pedagógicos de diferentes instituições (CNE, 2004), com o propósito de assegurar que o aluno vivencie “*formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da intervenção acadêmico-profissional, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética.*”

Contudo, o que importa aqui salientar é o que nos apresenta o artigo 3º desta Resolução:

“A Educação Física é uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança, nas perspectivas da prevenção de problemas de agravo da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da

formação cultural, da educação e da reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas”.

Neste artigo, além das dezoito possibilidades de intervenção (tanto de graduados como de licenciados), abre-se espaço para outras atividades que ainda venham a fazer parte desta lista. Na oportunidade, define também, as habilitações e diferenças presentes nas duas modalidades de formação da área:

“§ 1º O graduado em Educação Física deverá estar qualificado para analisar criticamente a realidade social, para nela intervir acadêmica e profissionalmente por meio das diferentes manifestações e expressões do movimento humano, visando a formação, a ampliação e o enriquecimento cultural das pessoas, para aumentar as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável.

§ 2º O Professor da Educação Básica, licenciatura plena em Educação Física, deverá estar qualificado para a docência deste componente curricular na educação básica, tendo como referência a legislação própria do Conselho Nacional de Educação, bem como as orientações específicas para esta formação tratadas nesta Resolução.” (Art. 4º)

Exemplificando as adequações decorrentes, o Projeto Pedagógico organizado pela FEF/UNICAMP em 2005 segmenta-se em dois campos, a Licenciatura – para os que vão atuar na “assessoria, planejamento, execução e avaliação da EF na Educação Básica” e o Bacharelado, para os que se dedicarão a programas de EF “nos campos do Esporte, do Lazer e das Atividade Físicas voltadas para diferentes grupos sociais” (FEF,2005).

As várias denominações que surgiram ao longo do tempo para o objeto da EF, como ciência que trata da aptidão e dos exercícios físicos, conferiu a ela características que a reconheciam a partir de proposta biologicista, sendo os desenvolvimentos físico e motor entendidos como capazes de promover educação integral do ser humano, sem dar, porém, significado às ações culturalmente produzidas. Podemos considerar que desse período de predomínio das ciências biológicas para tentar esclarecer questões quanto ao corpo, passa-se a contar com EF de visão mais ampla, onde privilegiam-se os processos sociais, históricos e culturais (DAOLIO,2004). Percebe-se com isso,

abertura à transdisciplinariedade: significa “voltar-se para a estruturação do pensar sistêmico, que se especifica pela quebra de linearidade, valoriza a intuição e privilegia a síntese” (MORIN,2001), implicando atuação a partir das disciplinas, além e através delas. Corroborando com isso, temos a expansão das humanidades na graduação, bem como o aumento nos últimos vinte anos de publicações que lidam com o tema.

Nesse contexto, Bracht (1996, p.24) reafirma que “o que qualifica o movimento enquanto humano é o sentido/significado de mover-se, sentido/significado mediado simbolicamente e que o coloca no plano da cultura” esta constatação nos faz pensá-lo como maneira de comunicar-se com o mundo, dentro de linguagem simbólica. Refletindo ainda sobre a relação corpo-movimento, encontra-se nesta mesma direção Kunz (2004) e suas idéias sobre subjetividade, a relação identidade pessoal/identidade social, a questão do sentido/significado, a preocupação com a dicotomia mente/corpo e natureza/cultura, formando o que chama de “didática comunicativa”. Betti aponta como cultura corporal do movimento a “*parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante o exercício da motricidade humana*” (2001, p.156).

Tendo em vista tais avanços, pode-se dizer também que a atuação do profissional de EF torna-se mais abrangente, conferindo-lhe autonomia para que circule entre as diversidades que surgem. Percebe-se que, ao mesmo tempo em que o “leque” de conceitos se abre, exige-se maior reflexão sobre as ações atribuídas à EF e seus atores. Faz-se necessário, também, ampliar o conhecimento teórico acerca dessa pluralidade.

Intervenção

A partir deste panorama que se vislumbra, temos concebido modelo que intenta agrupar a tipologia da EF em três conjuntos diferentes: i) áreas já consolidadas, as ciências do esporte, por exemplo, ii) áreas já legitimadas, como a Qualidade de vida e a Adaptada e iii) áreas em fase de reconhecimento de identidade, no caso o circo, a dança e o clown. Quanto à primeira das mencionadas, o esporte, desde os primórdios, sempre foi forte vetor a potencializar a busca pelo domínio do corpo. Sua importância não pode ser ignorada, se considerarmos o quanto, lembra Vaz

(1999) “a sociedade moderna está impregnada pelo princípio do rendimento, o quanto ela é *esportivizada*”. Motivação essa já mencionada por [Cagigal](#) (1972) quando refere como sendo conduta intensamente praticada, muito mais por convicção racional, onde o gosto, o prazer e até as necessidades psicológicas estão presentes, facilitando assim a relação humana espontânea. Nesses princípios é que se fundamentam as Ciências do Esporte.

No mundo contemporâneo, superar marcas é fato merecedor de grande divulgação. A cada dia são ultrapassados resultados que no início do século XX pareciam imbatíveis. Com isso, a grande motivação de atletas que participam de competições nacionais e internacionais, reforça [Rubio](#) (2006), torna-se não só a procura da vitória, mas sim a luta pela “quebra” de recordes. Uma das principais preocupações e conquistas no âmbito desportivo atualmente, sugerem Borin; [Gonçalves](#) (2004), é colocar engenho e arte a detectar e selecionar o indivíduo jovem, objetivando alcançar o alto nível de rendimento, em diferentes modalidades, nessa e nas próximas gerações.

Outras áreas foram recentemente incluídas, mas estão, atualmente, igualmente legitimadas. Com efeito, a Educação Física Adaptada (EFA) surge na década de 70, quando certos círculos empenhavam-se em ofertar igualdade de direitos e acessos a pessoas com deficiência, pois até então encontrávamos cenário de segregação, isolado em instituições prioritariamente filantrópicas e assistenciais. Esse sistema foi denominado *integração*, pois tal indivíduo deveria ser “treinado” para poder conviver nos diversos segmentos que compõem a sociedade: trabalho, escola, lazer, segundo pontua Seabra Junior (2006). Ou seja, a pessoa se habilitava para sua integração, porém a comunidade permanecia a mesma.

Com o conceito de inclusão busca-se outro caminho: no dizer de [Sassaki](#) (1997), a coletividade se prepara para recebê-la, de maneira que ela possa ter equiparadas oportunidades de que anteriormente não dispunha. Contudo, este autor nos alerta para a questão de ser a pessoa com deficiência a única a ser incluída. O desafio deste campo da EF, e também da educação de modo geral, consiste em atentar-se para todos os excluídos: doentes

crônicos como diabéticos, obesos e idosos, mulheres, os menos habilitados, entre outros.

Os cursos de EF, conforme apontam Duarte; [Lima](#) (2003), apenas a partir da última década, assumem necessidades especiais e o correspondente material didático, escrito em nossa língua, é escasso. Oficialmente, a EFA surgiu nos cursos de graduação, por meio da Resolução nº 03/87, do Conselho Federal de Educação, o que implica em muitos professores, atuantes nas escolas, não terem recebido em sua formação pertinências a essa temática.

No tocante aos estudos e aplicações relacionados à outra área legitimada da EF, a Qualidade de Vida (QV), pode-se dizer que estão vinculados, em grande maioria, aos objetivos da Organização Mundial de Saúde (OMS) de possibilitar melhor nível de saúde para a população mundial. A OMS define QV como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive, seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações ([WHO](#),2004), embora se conte com extrema polissemia conceitual a respeito, destacadamente o entendimento de que o que se fala é sobre a “percepção subjetiva do processo de produção, circulação e consumo de bens”. Trata-se, então, de reconhecer e praticar que a QV é determinada pelo estilo e condições de vida da pessoa, ou seja, tanto o aspecto subjetivo de emoções e hábitos adotados durante toda a sua vida, quanto a realidade objetiva, composta por fatores como renda, escolaridade, saúde, moradia, segurança, transporte ([GONÇALVES](#),2004).

Com efeito, nosso Grupo de Saúde Coletiva, Epidemiologia e Atividade Física (GSCEAF) destaca, à sociedade, a EF aliada na promoção da QV no tocante aos dois componentes polares destacados. É o caso, mencionam-se, de estudos como o de Vicentin *et al* (2004) que analisaram a percepção de QV e possíveis indicativos de conceitos de empoderamento, em moradoras, jovens, sedentárias, de bairro da periferia de Campinas,SP, através de programa de hidroginástica, concluindo pela EF como contribuinte para a melhoria da QV, com atuação a subsumir a dimensão biológica pelo estímulo e engajamento na mudança, através da prática coletiva de “democratização e participação social, em populações economicamente excluídas, na

direção de melhores condições de vida” ([VICENTIN; PADOVANI; GONÇALVES](#), 2006, p. 266).

Acompanhando esta sistematização da EF em diferentes conjuntos, desemboca-se, então, nas áreas classificadas como em fase de reconhecimento e que se utilizam da arte enquanto elemento enriquecedor. Ressalta-se aqui, o profissional da EF como responsável pela transmissão da cultura corporal, principalmente em se tratando de seus conteúdos clássicos de jogo, lutas, dança e ginástica ([COLETIVO DE AUTORES](#), 1992), realidades do ser humano global.

Justamente por se tratar de situações polêmicas, consideram-se algumas instâncias a seguir:

i) A Educação Física e o Circo: a arte do circo está presente desde os primórdios da sociedade; com isso, podemos encontrar nela resíduos do conhecimento milenar dos mais diferentes povos. A apresentação circense sempre nos remete a um mundo de fantasia, encantamento, espécie de “fuga, abstração do real”. A evolução da maneira de se compor o espetáculo favoreceu sua aproximação com a EF, tendo em vista a acentuada demanda corporal requerida dos artistas. Em outras épocas, como lembram [Mateu; Blas](#) (2007), o predomínio era das encenações com feras, objetos e propostas mais exibicionistas. Aliado às questões emocionais dos espectadores contra o uso de animais e a grupos de defesas para o mesmo fim, percebe-se incorporação do simbolismo da dança e da teatralidade, ou seja, a expressão através do corpo. Comprovação disso é o grande sucesso do *Cirque du Soleil*: grupo canadense que agrega hoje artistas de todo o mundo e atrai grande público por onde passa, conseguiu atingir nicho de mercado não vislumbrado até então por trazer para si o adulto, frequentador de teatro e shows; para tanto, cada espetáculo tem trilha sonora própria e apresenta “danças abstratas e espirituais, idéia extraída do teatro e do balé” ([KIM; MAUBORGNE](#), 2005).

Para democratizar essa atividade, com vistas a utilização em meio escolar, podemos classificar as técnicas empregadas, em: equilíbrio, atividades aéreas, acrobacias, manipulação e ator de circo. Especialmente nas ações do profissional da EF na escola, nem todas essas modalidades são possíveis de viabilização, devido aos fatores: i) espaço; ii) equipamentos; iii) segurança e iv) integridade dos alunos. No entanto, nos sugerem [Bortoleto e Machado](#) (2003) que a EF Escolar pode “proporcionar o

contato das crianças com a cultura corporal existente no circo, em um nível de exigência elementar, destacando as potencialidades expressivas e criativas, além dos aspectos lúdicos dessa prática”. Proposta relevante seria a formulação de Pedagogia das Atividades Circenses, indicada por [Duprat e Bortoleto](#) (2007), utilizando, neste caso, os malabares tendo como materiais para prática lenços, bolas, aros e claves.

ii) A Educação Física e a Dança: tão historicamente antiga e atraente como o circo, podemos articular fundamentalmente a dança ao âmbito da EF. Reconhecida como forma de comunicação mediante a linguagem corporal, expressa idéias, emoções e sentimentos através de gestos. Constata-se-lhe aumento significativo de pesquisas no Brasil nos últimos anos, acompanhando a tendência das artes no geral. Também tem conquistado espaço efetivo em discussões acadêmicas devido à controvérsia de pertencer de fato e de direito a EF, e o não reconhecimento como campo, próprio, do conhecimento, pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), o que não permite dançarinos serem professores, mas sim o profissional de EF, como aponta [Strazzacappa](#) (2007). Porém os artistas (dançarinos, atores, diretores de espetáculos) têm entrado com ação judicial contra a organização, baseados na lei federal nº 6533, de 24 de maio de 1978 que regulamenta a profissionalização da classe, permitindo a eles o ensino desta arte. Na verdade, a existência de faculdade específica de dança é recente: a primeira no Brasil surge em 1956, na Universidade Federal da Bahia. Não cabe aqui acalorar o debate, mas destacar que ela se insere nas abordagens presentes na EF. Ao se trabalhá-la no âmbito escolar, o educador releva a questão da construção da educação como política e com isso considera as culturas populares e muitas vezes subordinadas ao sistema dominante da escolarização ([SBORQUIA](#), 2002).

Quanto à compreensão e presença da dança no contexto escolar, [Lara et al](#) (2007) destacaram o tratamento oferecido, nas mais diferentes metodologias desenvolvidas por pesquisadores e professores de EF. Além de analisar documentos da literatura, produzidos por representantes de cada linha, foram aplicados questionários que indagavam sobre a dança no contexto escolar e como poderia ser sistematizada pedagogicamente. Os resultados obtidos demonstram lacunas “acerca da sistematização e trato pedagógico”. No escopo extra-muros, podemos realçar estudo de [Ferreira](#) (2003), que questionou os discursos presentes na realização

da modalidade em cadeira de rodas, praticadas por pessoas com deficiência física. Nela buscou-se compreender os sentidos produzidos não somente por seus participantes, com a realização das atividades, mas também aqueles gerados na relação com o público espectador.

iii) A Educação Física e o Clown: embasados, ou “motivados”, por artistas como Charles Chaplin, Jerry Lewis e nosso brasileiroíssimo Mazaropi, ganham fôlego estudos e ações que envolvem o *clown*. Derivado do termo inglês “*clod*”, nos remete às coisas da terra, ao rústico, muitas vezes traduzido literalmente como *palhaço*, palavra de origem italiana “*paglia*” que significa “palha”, antigamente usada para revestir colchão: no início a roupa do palhaço era feita desse mesmo tecido (CLOWN,2007). O trabalho é fundamentalmente físico, de expressão corporal intensa: não há falas, existindo necessariamente a comunicação através de gestos, criando-se “falso diálogo” com o público. Atualmente esta técnica vem mostrando aplicações inovadoras, como a atuação em ambiente clínico. Neste sentido, encontramos Françani; Zilioli; Silva (1998) que relatam a experiência de grupo de alunas da graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, apropriando-se desse recurso para crianças hospitalizadas.

Pelo mesmo caminho seguiu equipe da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, que através de projeto de extensão desenvolveu atividades em Hospital Universitário, preocupando-se com o brincar e a atividade lúdica para a mesma clientela (ISAYAMA et al, 2005). Ainda na EF, evidenciamos as incursões de Ana Elvira Wuo, tanto no mestrado (1999) como no doutorado (2005). Na primeira experiência, verificou-se a aceitação do “tratamento pelo *clown*” por menores atendidos por Centro Infantil de Investigações Hematológicas. Objetivou-se, assim, chegar ao “ponto que os medicamentos não estavam atingindo: a alma”, conforme relata a autora. Como decorrência verificou-se a aspiração para a continuidade das ações iniciadas. Na segunda oportunidade, a pesquisadora procurou apropriar-se da sistematização e procedimentos do curso “Aprendiz de *Clown*”, de maneira a conhecer o processo de criação do que ela chama de “*clown* pessoal” (WUO,2005). Durante o procedimento, muitas questões foram geradas, e o que podemos vislumbrar como resultados é um *mix* de sentimentos, vivências e constatações científicas e acadêmicas.

Com vistas a essa aproximação da EF com as artes e pela legitimidade de suas especificidades, revela-se pertinente rememorar experiência, ocorrida pioneiramente no interior da Unicamp. De fato, o Departamento de Ciências do Esporte da FEF, no período da gestão de um de nós (A.G.), 1994 – 1998, foi procurado pelos responsáveis do Instituto de Artes que, percebendo lacuna na formação e habilitação da Cinesiologia para sua Unidade, solicitaram que esse conteúdo fosse ministrado por docentes da FEF, identificando aí a capacitação para esse fim. Depois de acertos acadêmicos e superação de resistências institucionais, criou-se a disciplina curricular obrigatória Cinesiologia, do núcleo básico do Curso de Artes Corporais – Dança, a qual vem sendo desde então, oferecida semestralmente, com dois créditos, pela FEF/Unicamp. Deste modo a EF passou a ser identificada entre nós, no real, como o lócus especializado em movimento, assim como a Biologia em relação ao estudo dos seres humanos ou o Instituto de Ciências Humanas quanto às estruturas e relações entre pessoas e grupos.

Com esta iniciativa, surgiram estudos de pós-graduação entre membros de ambas as instituições, como os de Grego et al (1999), que constataram a escassez de informação a respeito das lesões em bailarinos. Desenvolveu-se, então, investigação objetivando apontar os principais agravos aos quais estão suscetíveis os praticantes da dança, bem como sua distribuição e tentativa de sugerir medidas de prevenção para as lesões mais freqüentes.

Perseverando nesta abordagem interdisciplinar, Scialom; Gonçalves; Padovani (2006) versaram sobre a mesma problemática, com profissionais do “Balé da Cidade de São Paulo”, SP, tradicional companhia que apresenta número elevado de espetáculos anualmente. Foi acompanhada a rotina de atuação e aplicaram-se questionários visando conhecer a epidemiologia dos agravos mais freqüentes. Verificou-se que aconteciam principalmente durante os ensaios, causando traumas sobretudo em joelhos e tornozelos e que, na maioria das vezes, se afastam somente um dia para tratamento médico.

Formação

Posto espectro de atuação tão privilegiado para um só profissional, a questão que se coloca

incoercitivamente é no sentido de se conhecer como se dá sua formação na perspectiva de se encontrarem, ou não, elementos que expliquem tal singularidade. Da mesma forma que se vislumbrou a tipologia apresentada para o entendimento ocupacional, recorre-se à estratégia de se apreender o processo de construção do mesmo, agrupando suas numerosas habilidades curriculares numa classificação compreensiva, no caso constituída por três segmentos, quais sejam o lúdico, o pedagógico e o atlético.

O primeiro deles é composto por vivências do jogo, do brincar, das expressões corporais, da fantasia e da resignificação de conceitos. As atividades lúdicas, como definem os Parâmetros Curriculares Nacionais para a EF,

“ incluem, simultaneamente, a possibilidade de repetição para manutenção e por prazer funcional e a oportunidade de ter diferentes problemas a resolver. Além disso, pelo fato de o jogo constituir um momento de interação social bastante significativo, as questões de sociabilidade constituem motivação suficiente para que o interesse pela atividade seja mantido.” (p.29)

Conforme [Macedo](#) (2005), o agir lúdico pode ser dimensionado por seis indicadores: a) gerar prazer funcional; b) proporcionar desafios; c) dispor ou criar possibilidades; d) ser simbólica e ; e) ser construtiva. Com isso defende uma EF voltada desde cedo para a construção da autonomia moral, social, afetiva e motora.

O pedagógico constitui-se por concepções e teorias ligadas diretamente à quotidianidade docente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (aprovada em 1996 e alterada em 2003) em seu artigo 26, parágrafo 3º, estabelece que: “*A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica*” ([BRASIL](#), 1996). Com esse reconhecimento, deixa ela de sobreviver “à margem” do Projeto Político Pedagógico e passa a compô-lo conjuntamente, pois fundamentalmente, o professor de educação física, onde quer que esteja, é responsável por promover situações de ensino e aprendizagem que incluam instrumentos de registro, reflexão e discussão sobre experiências estratégicas e grupais que as práticas da cultura corporal oferecem ao aluno ([BRASIL](#), 1998).

Concentra-se, enfim, no eixo do atlético, destinado a conhecer e desenvolver capacidades biomotoras humanas, destacadamente Força, Flexibilidade, Velocidade, Resistência e Coordenação, profundamente estudadas entre nós [Gonçalves](#) (2004b), em livro-texto paradigmático.

Saúde

Tanto as mencionadas dimensões artísticas quanto as pragmáticas postas até aqui foram canalizadas recentemente em aplicação que procedemos para a saúde, pela utilização do teatro interativo de bonecos no controle da hanseníase, através da “Turma do Bairro” (TB). O trabalho foi criado com o objetivo de sensibilizar crianças e adultos para a questão da deficiência e hanseníase. A TB proporciona o intercâmbio entre indivíduos e informações, por meio do movimento de construção/reconstrução de novos sentidos.

A implantação no Brasil deu-se a partir da organização não governamental Sorri que se baseou no projeto *The Kids on the Block*, existente nos EUA. O grupo americano construiu histórias para tratar de grande diversidade de temas/assuntos, tais como separação dos pais, HIV, obesidade, epilepsia, deficiências (mental, auditiva, física), racismo, além de outros ([KOTB](#), 2006). Este programa utiliza adaptação da técnica japonesa chamada *bunraku*, cujo nome indica representação teatral de peça clássica, interpretada por bonecos. Ao contrário de exposições de fantoches ou de marionetes, não cria a ilusão de que agem ou falam por si mesmos. Para tanto é necessário que o apresentador tenha total conhecimento da prática para que se possam realizar diferentes movimentos, suportar o peso do boneco e manter a postura do mesmo, estando ele em posição desconfortável ([GIROUX: SUSUKI](#), 1991).

Para cada situação existem personagens e roteiros diferenciados, sempre participando integrante que não apresenta nenhum tipo de agravo físico, social ou emocional. A boneca com hanseníase, Ana Melo, foi criada especificamente para atender a realidade brasileira.

Nossa experiência a respeito foi amealhada na periferia de Campinas, objetivando-se aumentar o número de atendimentos no Centro de Saúde local, por meio de diagnóstico precoce. Para tanto, realizaram-se apresentações do

roteiro para crianças e adolescentes de duas instituições do bairro e seguidamente, pessoas com dúvidas sobre sinais ou sintomas específicos dos agravos referidos na história foram encaminhadas a consulta médica (CASTRO, 2008).

Considerações Finais

Por meio de análise de literatura técnica pertinente, foi possível constituir-se, neste ensaio, modelo para representação didática das áreas do espectro atual de intervenção da EF em i) consolidadas, ii) legitimadas e iii) em fase de reconhecimento.

A tipologia assim construída dá conta da respectiva densidade da atuação profissional contemporânea em determinantes, manifestações e decorrências. Constata-se, a seguir, que muitas dessas possibilidades erigem-se fulcrando sobre a respectiva formação-síntese peculiar que congrega o lúdico, o atlético e o pedagógico. Tais qualificações permitem a geração de sua realidade no interior do setor saúde. Nesse sentido, instância de aplicação considerada entre nós consiste na realização pioneira do Teatro de Sombras como recurso educativo para o diagnóstico precoce da hanseníase. Complementarmente, constata-se necessidade de implementação de Serviços Permanentes de Saúde, objetivando dar continuidade a ação educativa.

Referências

BETTI, M. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: CARVALHO, Y.M.; RUBIO, K. (Org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 155-169.

BORIN, J. P.; GONÇALVES, A.. Alto nível de rendimento: A problemática do desempenho desportivo. [Revista Brasileira de Ciências do Esporte](#), Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 9-17, 2004.

BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. de A. Reflexões sobre o circo e a educação física. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, n.12, p. 41-69, 2003.

BRACHT, V. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. n. 2., p. 23-28, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei: 9394/96**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 218, de 6 de março de 1997**. Brasília, DF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental. Educação Física**. Brasília: MEC/SEMT, 1998.

CFE. Conselho Federal de Educação, Resolução CFE nº 03, de 16 de junho de 1987. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 de setembro de 1987. Disponível em http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra_lei.asp?ID=8. Acessos em 14 de dezembro de 2007.

CAGIGAL, J.M. **Deporte, pulso de nuestro tiempo**. Barcelona: Saviat, 1972.

CASTRO, G. C. **Atuação do profissional de educação física em serviços locais de saúde: o caso do teatro interativo de bonecos no controle da hanseníase**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CLOWN. **O Clown**. Disponível em <http://www.clown.comico.nom.br/clown.htm>. Acessos em 10 e 11 de julho de 2007.

CNE. Conselho Nacional de Educação, Resolução CNE/CES 7/2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 de abril de 2004, Seção 1, p. 18. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfísica.pdf>. Acessos em 04 de outubro de 2007.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. **Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais: Experiências e Intervenções Pedagógicas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A., 2003.

DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física Escolar: Pedagogia e Didática das Artes Circenses, **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n.2, p.171-189, jan. 2007.

- FEF. Faculdade de Educação Física da UNICAMP. **Projeto Pedagógico dos novos currículos dos cursos de Educação Física: Licenciatura em Educação Física, Graduação em Educação Física.** Comissão de Ensino Ampliada, Campinas, 2005. Disponível em <http://www.unicamp.br/fef/grad/Vers%E3o%20Final%20Projeto%20Pedag%F3gico%20-%20Licenciatura%20e%20%20Gradua%E7%E3o%20EF%2027.09.pdf>. Acessos em 15 e 16 de Dezembro de 2007.
- FERREIRA, E. L. **Corpo – Movimento – Deficiência: as formas dos discursos da/na dança em cadeiras de rodas e seus processos de significação.** Tese de Doutorado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- FRANCANI, G. M.; ZILIOI, D.; SILVA, P. R. F. Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada. **Revista Latino-Americana de Enfermagem.** 6(5): 27-33, Dez. 1998.
- GIROUX, S. M.; SUZUKI, T. **Bunraku: um teatro de bonecos,** São Paulo: Perspectiva, 1991.
- GONÇALVES, A Apresentação. In: GONÇALVES, A.; VILARTA, R. (org.). **Qualidade de Vida e Atividade Física: explorando teoria e prática.** Barueri: Manole, 2004, p.XI.
- GONÇALVES, A **Conhecendo e Discutindo Saúde Coletiva e Atividade Física.** Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2004b.
- GREGO, L.G.; MONTEIRO, H. L.; PADOVANI, C. R.; GONÇALVES, A. Lesões na dança: estudo transversal híbrido em academias da cidade de Bauru, SP. **Revista Brasileira de Medicina Desportiva,** v. 5, n. 2 p. 47-54 ,1999.
- ISAYAMA, H. F.; CAMPOS, T.; SIMÃO, C. M. A.; GARCIAS, L. M. G.; MOREIRA, M.; BOSCHI, P. M. T. Vivências lúdicas no hospital: intervenção socioeducativa da educação física com crianças da clínica de hematologia. Anais, **8º Encontro de Extensão da UFMG,** Belo Horizonte, 03 a 08 de outubro, 2005.
- KIM, W.C.; MAUBORGNE, R. **A estratégia do oceano azul: como criar novos mercados e tornar a concorrência irrelevante,** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- KOTB, **Kids on the block: an educational puppet troupe.** Disponível em www.kotb.com. Acessos em 8 de setembro de 2006.
- KUNZ, E. **Educação física: ensino & mudanças.** Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- LARA, L. M.; RINALDI, I. P. B.; MONTENEGRO, J.; SERON, T. D. Dança e Ginástica nas abordagens metodológicas da educação física escolar, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** Campinas, v.28, n.2, p.155-170, jan.2007
- MACEDO, L. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MATEU, M.; BLAS, X. **El circo y la expresión corporal.** Disponível em <http://www.educa.aragob.es/cprcalat/jornadasef/elcirco.htm>. Acessos em 2 e 3 de Agosto de 2007.
- MORIN, E. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro** 3a. edição. São Paulo: Cortez, 2001.
- MOURA, A. C.S. **MH 607 FEF/UNICAMP, onde Saúde Coletiva e Performance Humana se encontram: uma pesquisa-ação.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- RUBIO, K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade,** Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 86-91, 2006.
- SASSAKI, R.K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- SBORQUIA, S. P. **A dança no contexto da Educação Física: os (des) encontros entre a formação e a atuação profissional.** Tese de Doutorado em Educação Física – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- SEABRA JR., L. **Inclusão, Necessidades Especiais e Educação Física: considerações sobre a ação pedagógica no ambiente escolar.** 2006. 111f. Dissertação de Mestrado em Educação Física -Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- SCIALON, M.; GONÇALVES, A.; PADOVANI, C. R. Work and injuries in dancers: survey of a professional dance company in Brazil. **Medical Problems of Performing Artists,** v. 21, n. 1, p. 29-33, 2006.
- STRAZZACAPPA, M. Dança batalha por espaços de pesquisa. **Comciência,** Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, Notícia, 02/05/2007. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=3¬icia=299>. Acessos em 03 de agosto de 2007.

TOJAL, J. B. A. G. Formação de profissionais de educação física e esportes na América Latina. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.7, p.2-54, jul./dez.. 2005.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.19, n.48, p. 89-108, agos. 1999.

VICENTIN, A. P. M.; GONÇALVES, A.; PADOVANI, C. R.; ARAGON, F. F. Efeitos de um programa quase-experimental de hidroginástica na qualidade de vida de mulheres sedentárias aponta para a consideração do domínio social no WHOQOL – Bref, Apresentação na **XXII Jornada Sul-Rio- Grandense de Psiquiatria Dinâmica e II Encontro Ibero-Americano de Qualidade de Vida**, Centro de Eventos da AMRIGS, Porto Alegre de 19 a 21 de Agosto, 2004.

VICENTIN, A. P. M.; PADOVANI, C. R.; GONÇALVES, A. Physiological and psychosocial effects of a 13 week hydrogymnastics program on healthy Brazilian women, **Journal Physical Education and Sport**, v. 4, n.1, p.73-79, 2006.

WHO. **Health Promotion and Healthy Lifestyles**, A57/Vr/8, World Health Organization, Geneva, 2004.

WUO, A. E. **O Clown Visitador no tratamento de crianças hospitalizadas**. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 1999.

_____. **Clown Processo criativo: rito de iniciação e passagem**. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2005.

Esse artigo foi apresentado no IV Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física- NEPEF, realizado na UNESP/Bauru de 20 a 23 de novembro de 2008.

Endereço:

Aguinaldo Gonçalves
UNICAMP - Departamento Ciências do Esporte
Grupo Saúde Coletiva Epidemiologia e Atividade.
Cidade Universitária - Barão Geraldo
Campinas, SP - Brasil
13083-970 - Caixa-Postal: 6134
e-mail: aguinaldo@fef.unicamp.br

Recebido em: 30 de setembro de 2008.

Aceito em: 1 de novembro de 2008.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)